

CIÊNCIA, IDEOLOGIA E DESENVOLVIMENTO NACIONAL A PARTIR DA VIDA E OBRA DE ALBERTO GUERREIRO RAMOS

Resumo: Este trabalho tem por objetivo analisar a contribuição de Alberto Guerreiro Ramos no debate sobre o desenvolvimento nacional na década de 1950. Neste sentido, buscará contextualizar sua obra ao cenário intelectual, político e econômico deste período. A primeira seção deste trabalho explorará a biografia de Guerreiro Ramos e as instituições onde atuou; a segunda parte apresentará suas principais propostas no que diz respeito à sociologia, à questão do negro e a modernidade a partir do debate que travou com Florestan Fernandes na década de 1950. A última seção buscará traçar uma breve síntese sobre a contribuição de Guerreiro Ramos para o pensamento social brasileiro, a partir do debate com Florestan Fernandes, e problematizar sua concepção de desenvolvimento nacional.

Palavras-chave: Desenvolvimento Nacional. Alberto Guerreiro Ramos. Pensamento Social Brasileiro.

Ciência, ideologia e desenvolvimento nacional a partir da vida e obra de Alberto Guerreiro Ramos¹

Introdução

Alberto Guerreiro Ramos integrou o cenário intelectual brasileiro num momento de transição econômica e de reinterpretação da história social do país. Desde a década de 1930, a Grande Depressão havia impactado as exportações de café e colocado em crise o setor agrário. Ao mesmo tempo, o processo de industrialização se intensificou no Brasil e o país começou a ganhar uma cara nova. Os efeitos da industrialização, urbanização e do aumento do consumo popular representariam, para Guerreiro Ramos (1965), as condições objetivas para a fundação de uma sociologia nacional, que, por sua vez, providenciaria condições subjetivas para o desenvolvimento da nação Brasileira.

No contexto mundial, a chamada Era da Catástrofe (HOBBSAWN, 1995) intensificou no campo das ideias a discussão sobre o papel do Intelectual. Jean-Paul Sartre defendia na Europa a concepção de intelectual engajado (SOUZA, 2009). Ao mesmo tempo, na arena política e econômica, as tensões repercutidas na II Guerra Mundial, colocaram em jogo os rumos da economia mundial. O desenvolvimento tornou-se um imperativo político e uma estratégia de domínio sob as nações ditas subdesenvolvidas. Além disso, se intensificou o debate sobre nacionalismo, democracia, totalitarismo. O fascínio pelo nacionalismo se manifestou nas lutas anticolonialistas na África e ao redor do mundo (MARTINS, 2008).

As transformações que o Brasil estava passando e as tensões mundiais consagraram as ciências sociais como área do saber e esfera de atuação política. Guerreiro Ramos se inspirou na filosofia existencialista e na fenomenologia como método de investigação social. Autores como Jaspers, Husserl e Heidegger, são descritos por ele como “momentos concretos do saber do século XX” (RAMOS, 1965, p. 42). O próprio Guerreiro Ramos pode ser visto nesses mesmos termos no que se refere ao pensamento social brasileiro. Ele mergulhou nas aspirações de seu tempo e se posicionou em favor da autodeterminação da nação e da superação das amarras coloniais presentes na totalidade social brasileira e na própria forma de se pensar o Brasil.

Nos estudos sobre a obra de Guerreiro Ramos, geralmente se destaca as controvérsias, contradições e debates calorosos na arena intelectual. O engajamento de Guerreiro Ramos, demonstra que, para ele, teoria e prática estão sempre correlacionadas.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Vida e obra se confundem em sua história. Este trabalho busca resgatar o legado de Guerreiro Ramos para o pensamento social brasileiro. Com isso, pretende capturar as continuidades e descontinuidades em sua abordagem. A primeira seção deste artigo explorará a biografia de Guerreiro Ramos e as instituições onde atuou; a segunda parte apresentará suas principais propostas no que diz respeito à sociologia, à questão do negro e a modernidade a partir do debate que travou com Florestan Fernandes na década de 1950. A última seção buscará fazer uma breve síntese sobre a contribuição de Guerreiro Ramos para o pensamento social brasileiro.

Atuação política e intelectual

Alberto Guerreiro Ramos nasceu no ano de 1915, em Santo Amaro da Purificação, Bahia. De origem humilde, começou a trabalhar aos 11 anos como auxiliar numa farmácia. Ao ingressar no curso secundário no Colégio da Bahia, trabalhou como professor particular de outros alunos com maiores recursos financeiros. Já na adolescência inicia sua atividade intelectual com leituras que marcariam sua obra futuramente. Aos 17 anos, passa a colaborar com o Jornal o Imparcial, em Salvador. No ano seguinte, é recrutado para trabalhar como na Secretaria da Educação. Nesse período, também militou no Movimento Integralista e no Movimento Católico Baiano. Publicou seu primeiro livro aos 22 anos, mas desta vez como poeta. Durante sua atuação na Secretaria da Educação, ajudou a fundar a Universidade de Filosofia da Bahia. Isso lhe deu o direito de se tornar professor catedrático daquela instituição.

Em 1939, aos 24 anos, recebeu bolsa de estudos pelo Estado da Bahia e para cursar Ciências Sociais na Faculdade Nacional de Filosofia no Rio de Janeiro. Ao concluir o curso, foi indicado para o cargo de professor assistente de Sociologia e Política. Entretanto, foi recusado por questões políticas. Esse acontecimento abalou Guerreiro Ramos e pode estar relacionado à sua aversão ao academicismo. No ano seguinte, começou a trabalhar no DASP (Departamento Nacional da Criança), na qual realizou pesquisas sociais. Na década de 1940, começou a escrever sobre a literatura latino-americana e participou na elaboração de um dos primeiros balanços sobre a sociologia brasileira, experiências que aguçaram seu interesse e percepção sobre o pensamento social brasileiro. No fim da década de 1940, esteve envolvido com o movimento negro e participou do Teatro Experimental do Negro (TEN), fundado por Abdias Nascimento. Em 1951, trabalhou como assessor do presidente Getúlio Vargas. Com a criação da EBAP (Escola Brasileira de Administração Pública) e da FGV (Fundação Getúlio Vargas), em 1952, Guerreiro Ramos integra o quadro de professor dessa instituição.

Em 1952, Guerreiro Ramos fez parte de um grupo de intelectuais que se reuniam no Parque Nacional do Itatiaia, motivados para promover um pensamento autêntico sobre os problemas brasileiros (BARIANI, 2005). O grupo heterogêneo de intelectuais de São Paulo e

do Rio de Janeiro teve seu número reduzido quando os integrantes mais conservadores se opuseram ao debate sobre a aplicação do conhecimento para a mudança social. No grupo remanescente ficaram Guerreiro Ramos, Helio Jaguaribe, principal articulador do grupo, Nelson Werneck Sodr e e Candido Mendes de Almeida, que mais tarde participariam da forma o do IBESP e do ISEB. Esses intelectuais, que ficaram conhecidos como isebianos históricos, se inspiravam, entre outras correntes, no hegelianismo, fenomenologia e existencialismo.

O Instituto Brasileiro de Economia, Sociologia e Política (IBESP) foi fundado por Guerreiro Ramos juntamente com os remanescentes do Grupo Itatiaia, em 1953. As discussões do grupo se materializaram em cinco volumes do periódico Cadernos de Nosso Tempo. Entre os temas abordados, sobressaia-se a preocupa o com desenvolvimento nacional. Na concep o do Instituto, o desenvolvimento seria possível a partir do engajamento ideológico na forma o de uma *intelligentsia* brasileira.

Caberia   *intelligentsia* – como ator social privilegiado em termos de consciência – propor alternativas, pensar a reforma do Estado, esclarecer e sintetizar interesses, em suma, elaborar um projeto que unisse – reorganizando – sociedade civil e Estado a partir deste como instância proeminente da transforma o. Tal papel, ao que parece, era reivindicado pelo próprio IBESP. (BARIANI, 2005, p. 254)

O critério para uma ideologia autêntica seria sua capacidade de sintetizar os interesses nacionais na promo o do desenvolvimento brasileiro dentro das necessidades históricas do peri do. Helio Jaguaribe defendeu que o processo faseol gico brasileiro apontava “necessariamente para a implanta o e consolida o do capitalismo industrial” e tornava “inviável, utópica ou inautêntica qualquer outra soluço ou proposta alternativa” que ignorasse aquela “inescapável realidade” (TOLEDO, 1986, p. 234). Guerreiro Ramos assinalava o surgimento de uma consciência crítica na coletividade brasileira com o avanço do processo de industrializa o. Desta forma, o povo brasileiro estava no caminho de “apropriar-se de sua circunstância, combinando racionalmente os fatores” que tinham   disposi o (RAMOS, 1965, p. 58). Desta forma, “a autoconsciência coletiva e a consciência crítica” seriam “produtos históricos”, que “surgem quando um grupo social põe entre si e as coisas que o circundam um projeto de existência”. A autenticidade da ideologia proposta a partir do IBESP, e em seguida pelo ISEB, era ditada por sua correspondência com o imperativo histórico do desenvolvimento.

A ideologia a ser criada pelos intelectuais, ao contrário das ideologias imobilistas t picas da chamada estrutura colonial ou semicolonial (“subdesenvolvimento em estagna o”), teria características transformadoras, pois já se tornara possível o surgimento de uma consciência social crítica nos países subdesenvolvidos. (TOLEDO, 1986, p. 231).

Guerreiro Ramos também contribuiu na fundação ISEB (Instituto Superior de Estudos Brasileiros), em 1955, com o objetivo de elaborar instrumentos teóricos para promover o desenvolvimento nacional. O empreendimento de Guerreiro Ramos na formação de uma metodologia sociológica que garantisse a autenticidade do conhecimento no/sobre o Brasil motivou intensos debates. Enquanto esteve no ISEB, publicou, em 1957, *Introdução crítica à sociologia brasileira*, e em 1958, *A redução sociológica* que tinha por principal objetivo a criação de um método de assimilação crítica da produção sociológica estrangeira (RAMOS, 1965). Neste mesmo ano, deixa o ISEB devido à um conflito com Helio Jaguaribe por questões envolvendo o conteúdo do livro *O nacionalismo na atualidade brasileira*, escrito por Jaguaribe².

Na década de 1960, Guerreiro Ramos ingressa no Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e publica *O problema nacional do Brasil* (1960), *A crise do poder no Brasil* (1961), *Mito e verdade da revolução brasileira* (1963). Com a ditadura militar, em 1964, teve seus direitos políticos cassados se refugiou na Fundação Getúlio Vargas. Em 1966, publicou *Administração e estratégia do desenvolvimento*. No ano seguinte, exilou-se nos Estados Unidos, tornando-se professor na Universidade do Sul da Califórnia. Lá, ele adquiriu o reconhecimento acadêmico, dedicando-se, entre outros temas, à crítica da modernidade e da visão unilateral da existência. Com a abertura política nos fins dos anos de 1970, Guerreiro Ramos planejava voltar definitivamente para o Brasil. Em 1981, trabalhou como professor visitante na Universidade Federal de Santa Catarina e publica seu último livro *A nova ciência das organizações*. Porém, veio a falecer em 1982, nos Estados Unidos, vítima de câncer, aos 67 anos de idade.

Guerreiro Ramos, Florestan Fernandes e o sentido das Ciências Sociais no Brasil

Guerreiro Ramos e Florestan Fernandes dividiram o debate sobre as ciências sociais no Brasil na década de 1950. A trajetória de ambos apresenta pontos em comum, tanto no que diz respeito à vida quanto à obra. De origem humilde, os dois precisaram trabalhar desde cedo; possuíam uma automotivação na busca do conhecimento e, a partir disso, também se viam comprometido com a realidade nacional. Os novos tempos urgiam a consolidação das ciências sociais no Brasil. Era tempo de instaurar a modernização no país e promover uma

² O livro de Jaguaribe gerou polêmica sobre a questão do petróleo no Brasil. Membros da UNE se manifestaram em favor do monopólio estatal do petróleo e consideraram uma traição as ideias contidas no livro. Com isso, o ISEB propõe uma votação interna entre duas moções: “a defesa da liberdade de exposição de ideias de qualquer autor do ISEB, já que o instituto abrigava membros de posições antagônicas”; ou a “manutenção da fidelidade à ideologia nacionalista” (SOUZA, 2009, p. 89). Vence a primeira moção. Hélio Jaguaribe e Guerreiro Ramos (que defendia a segunda moção) deixam o ISEB após o conflito.

sociedade que cumprisse com os ideais democráticos. A forma como isso deveria ser feito, entretanto, estava em pauta nos debates intelectuais. O embate entre Guerreiro Ramos e Florestan Fernandes é geralmente visto em termos de ideologia versus ciência; institucionalidade versus militância; USP versus ISEB. Apesar dessas distinções caracterizarem aspectos que marcaram o debate, elas devem ser vistas dentro do espectro mais amplo da vida dos autores.

O caminho trilhado por Florestan Fernandes nas Ciências Sociais pode ser descrito a partir de diferentes momentos de sua trajetória intelectual e política. Nos anos 40, Florestan Fernandes iniciava sua atividade acadêmica como estudante na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP e, paralelamente, desenvolvia uma política vanguardista “dissociada dos movimentos sociais e alimentada por um ideal revolucionário” (SOARES, 1997, p. 124). Na década de 50, a escolha pela carreira acadêmica suprimiu a atividade política de Florestan Fernandes na medida em que ele se dedicava para a institucionalização da sociologia e promovia a pesquisa sociológica como forma de compreender os problemas nacionais” (SOARES, 1997). Guerreiro Ramos, por sua vez, atuou às margens da academia após ter sido rejeitado como professor assistente na Universidade do Brasil (RJ) devido ao seu passado integralista. Com isso, trabalhou com pesquisa social no Departamento de Administração e do Serviço Público (DASP) e mais tarde fez parte da fundação do IBESP. Foi neste contexto que teve início a polêmica entre Florestan e Guerreiro.

Guerreiro Ramos foi Presidente da Comissão de Estruturas Nacionais e Regionais no II Congresso Latino-americano de Sociologia, em 1953. Como presidente defendeu propostas sobre o ensino e a pesquisa em Sociologia no Brasil. As propostas foram rejeitadas no congresso, mas repercutiram num amplo debate sobre a natureza e a função da Sociologia e da ciência como um todo. É possível destacar as divergências entre os autores e apresentar suas posições a partir da exploração do conteúdo de cada uma das sete propostas, a começar pela primeira:

1ª - As soluções dos problemas sociais dos países latinoamericanos devem ser propostas tendo em vista as condições efetivas de suas estruturas nacionais e regionais, sendo desaconselhável a transplantação literal de medidas adotadas em países plenamente desenvolvidos; (RAMOS, 1957, p. 77 apud BARIANI, 2003, p. 8)

A primeira proposta fala sobre o cerne da abordagem de Guerreiro Ramos: a necessidade de uma atitude metódica descrita por ele como redução sociológica. Guerreiro Ramos combateu a recepção literal e passiva do conhecimento e de experiências estrangeiras no universo político e científico brasileiro e procurou “tornar sistemática a recepção crítica” de produções teóricas e operacionais (RAMOS, 1965, p. 80). Guerreiro Ramos ilustra seu argumento com dois exemplos: o conceito de controle social nos Estados Unidos e no Brasil

e a pesquisa social sobre consumo alimentar no Brasil. No primeiro exemplo argumenta sobre a importância do conceito de controle social na sociologia estadunidense, devido ao caráter problemático da integração social naquele país, e a baixa funcionalidade desse conceito no Brasil. Desta forma, sugere que esse conceito possua um caráter subsidiário na produção sociológica brasileira e que se privilegiem temas que contemplem as necessidades da nação.

[...] enquanto a exigência do “controle social” supõe o interesse em anular as tensões, conservando a estrutura já estabelecida, a solução dos antagonismos fundamentais da atual sociedade brasileira requer antes a mudança na qualidade de sua estrutura. (RAMOS, 1965, p. 89)

O segundo exemplo aplica demonstra a necessidade da redução sociológica em técnicas de investigação social a partir de uma pesquisa que dirigiu sobre o consumo alimentar de famílias operárias. As escalas de consumo alimentar, que seguiam o padrão estrangeiro, eram inadequadas à “fisiologia de populações tropicais”. Desta forma, a redução sociológica implicaria na criação de escalas que correspondessem as realidades nacionais e regionais e possibilitassem a verificação dos resultados da pesquisa. Além desses exemplos Guerreiro Ramos apontava que a redução poderia também ser aplicada à tecnologia. A sétima proposta também se encaixa dentro desta discussão:

7ª - Na utilização da metodologia sociológica, os sociólogos devem ter em vista que as exigências de precisão e refinamento decorrem do nível de desenvolvimento das estruturas nacionais e regionais. Portanto, nos países latino-americanos, os métodos e processos de pesquisa devem coadunar-se com os seus recursos econômicos e de pessoal técnico e com o nível cultural genérico de suas populações; (RAMOS, 1957, p. 77 apud BARIANI, 2003, p. 9)

Florestan Fernandes se posicionou em defesa da integridade da ciência e do estabelecimento de padrões científicos universais para o conhecimento sociológico. Desta forma, seria um equívoco de Guerreiro “pleitear um vínculo estrito com dada sociedade e uma irreduzível especificidade histórico-social” (BARIANI, 2003, p. 27). A proposta de Guerreiro transformaria o sociólogo em ideólogo ao subestimar os requisitos universais da ciência. Desta forma, conforme Cohn et al, (1995, p. 4) “onde Florestan vê ciência institucionalizada conforme padrões universais de desempenho Guerreiro vê a participação dos intelectuais na organização de uma consciência social conforme às peculiaridades nacionais na correspondente ‘fase’ histórica”. Para Florestan Fernandes, não deveria haver distinção entre o padrão de conhecimento científico para as sociedades desenvolvidas e para as subdesenvolvidas. Da mesma forma, “o cientista – para ele - só poderia pôr a ciência a serviço da comunidade se observasse rigorosamente os requisitos do saber científico, caso contrário, correria o risco de produzir uma ‘pseudociência’” (BARIANI, 2003, p. 14).

A segunda proposta diz respeito à educação, que é um tema caro para ambos autores como meio de desenvolver a democracia (Florestan) e para a emancipação cultural (Guerreiro). Guerreiro propõe que:

2ª - A organização do ensino da sociologia nos países latinoamericanos deve obedecer ao propósito fundamental de contribuir para a emancipação cultural dos discentes, equipando-os de instrumentos intelectuais que os capacitem a interpretar, de modo autêntico, os problemas das estruturas nacionais e regionais a que se vinculam; (RAMOS, 1957, p. 77 apud BARIANI, 2003, p. 8)

Florestan destacou os limites do sistema educacional, apresentado certo ceticismo sobre as possibilidades de êxito da disciplina de sociologia naquele período. Entretanto, se fossem conduzidas mudanças necessárias para o empreendimento, seria possível preparar as novas gerações para tratar de forma racional problemas sociais e administrativos (BARIANI, 2003). Guerreiro Ramos também compartilhava de ceticismo, mas em relação aos problemas da sociologia no Brasil que mantinha era alienada da realidade do país e se ocupava de questões persistentes de outras realidades. Desta forma o próprio modelo de formação de professores dificultaria um ensino nos ideais propostos.

As duas próximas propostas dizem respeito às disponibilidades da renda nacional tanto em relação às medidas que propusessem para o Brasil tanto na aplicação de recursos em pesquisas da vida social. A quinta proposta estabelece o critério na definição do que deve ser prioritário na pesquisa e na atuação dos sociólogos: o desenvolvimento industrial para promover o desenvolvimento social e a melhoria das condições de vida da população.

3ª - No exercício de atividades de aconselhamento, os sociólogos latino-americanos não devem perder de vista as disponibilidades da renda nacional de seus países, necessárias para suportar os encargos decorrentes das medidas propostas;

4ª - No estágio atual de desenvolvimento das nações latinoamericanas e em face das suas necessidades cada vez maiores de investimentos em bens de produção, é desaconselhável aplicar recursos na prática de pesquisas sobre minudências da vida social, devendo-se estimular a formulação de interpretações genéricas dos aspectos global e parciais das estruturas nacionais e regionais;

5ª - O trabalho sociológico deve ter sempre em vista que a melhoria das condições de vida das populações está condicionada ao desenvolvimento industrial das estruturas nacionais e regionais; (RAMOS, 1957, p. 77 apud BARIANI, 2003, p. 8-9)

Florestan Fernandes argumenta que num país heterogêneo como o Brasil não se deveria abrir mão de estudos sobre as particularidades. Ele não via oposição entre eles e os investimentos em bens de produção, uma vez que tais estudos possibilitariam o controle de tensões sociais necessários para a melhor utilização de fatores de produção. Florestan Fernandes também rejeitou a imposição de que o sociólogo deva lealdade ao sistema de

interesses da nação, negligenciando os valores e normas do padrão científico (BARIANI, 2003).

A sexta proposta de Guerreiro Ramos é um ponto de partida para explorarmos seu posicionamento em relação à questão racial e também sobre sua visão de modernidade.

6ª - É francamente desaconselhável que o trabalho sociológico, direta ou indiretamente, contribua para a persistência, nas nações latino-americanas, de estilos de comportamento de caráter pré-letrado. Ao contrário, no que concerne às populações indígenas ou afro-americanas, os sociólogos devem aplicar-se no estudo e na proposição de mecanismos de integração social que apressem a incorporação desses contingentes humanos na atual estrutura econômica e cultural dos países latino-americanos; (RAMOS, 1957, p. 77 apud BARIANI, 2003, p. 9)

Guerreiro Ramos criticava os “estudos afro-brasileiros” que apresentavam o negro “como ser estático, enredado na tradição, no passado, em sua suposta condição de ser exótico, no momento em que o processo de modernização exigia uma análise sociológica do novo perfil, urbano, de negros e mulatos” (MAIO, 2015, p. 87). Essa visão era compartilhada por Abdias Nascimento, fundador do Teatro Experimental do Negro (TEN), que acreditava que era necessário incorporar os negros à modernidade a partir de sua “adestração” no comportamento da classe média e superior (MAIO, 2015). Guerreiro Ramos visava a formação de uma intelligentsia negra que trabalharia para a elevação social e isenta de conflitos da população negra. A autoafirmação do negro no lugar do ressentimento e do apego ao passado.

Para Guerreiro, estudos antropológicos e folclóricos se dedicavam a explorar “sobrevivências africanas” ao invés de oferecer aos negros os meios de se incorporarem à modernidade (MAIO, 2015). Guerreiro Ramos fazia a distinção entre povos naturais e povos históricos, os primeiros caracterizados por uma consciência ingênua, subjugados à condição de objeto; os segundos adquiririam consciência crítica e ultrapassariam a existência bruta a partir de um viver projetivo. Esse seria o caso dos países da África e da Ásia que conquistaram a independência e lutavam para a superação da condição colonial.

Nas sociedades coloniais apareceram hoje quadros novos, empenhados num esforço de repensar a cultura universal na perspectiva da autoafirmação dos seus respectivos povos. Não é um comportamento romântico que levaria esses povos ao enclausuramento, a se apegarem aos seus costumes sob a alegação suicida de preservá-lo em sua pureza; é antes uma atitude que não exclui o diálogo, pois contém a consciência de que, para ser historicamente válida, a autoafirmação dos povos deve confluir para o estuário de todas as altas culturas da humanidade. (RAMOS, 1965, p. 62).

No Brasil, a configuração de um processo de industrialização em alto nível capitalista despertou a consciência crítica, ou seja, a mobilização do povo no sentido de apropriar-se de sua circunstância: “o imperativo do desenvolvimento suscitou a consciência crítica” (RAMOS, 1965, p. 58). O otimismo de Guerreiro Ramos sobre as transformações que o Brasil estava

passando sobre a potencialidade de se romper com as amarras coloniais na própria interpretação sobre o Brasil é frustrado. Os intensos debates o desenvolvimento do Brasil, mesmo que por vezes contraditórios, se calaram com o Golpe de 1964. Guerreiro Ramos foi para o exílio nos Estados Unidos, onde obteve reconhecimento acadêmico.

Em 1964, Florestan Fernandes tinha recém conquistado a cátedra de sociologia I na FFCL-USP. Florestan torna-se crítico de primeira hora da ditadura militar (OLIVEIRA, 2010). Ao ser compulsoriamente aposentado com o AI-5, em abril de 1969, Florestan Fernandes vive uma frustração profunda “em relação à sociologia, à ciência e às instituições às quais havia atribuído um peso decisivo no processo de mudança social” (SOARES, 1997, p. 124). Ao retornar de seu exílio no Canadá, ficou cada vez mais evidente sua desconstrução como acadêmico e sua inserção política. Nos anos 80, ingressa na política partidária brasileira, elegendo-se como deputado federal pelo PT/SP em 1986. Florestan teve uma importante participação no processo constituinte.

O posicionamento de Guerreiro Ramos e de Florestan Fernandes sofreram mudanças com o desdobramento da história do Brasil e do mundo. A formação de uma existência histórica e a autodeterminação dos povos não se consolidou nos Brasil e nem em países da África e da Ásia que anteriormente inspiravam Guerreiro Ramos. Em 1983, Guerreiro Ramos publica o artigo *A modernização em nova perspectiva* (RAMOS, 1983), onde rejeita a concepção de fases de desenvolvimento e interpreta o mundo como sistema. Guerreiro (1983, p.18) observa que “sob o prisma desse sistema, todas as sociedades estão em desenvolvimento. Todas elas são, em diferentes graus, ao mesmo tempo atrasadas e modernas”.

Florestan Fernandes, após sua frustração com a universidade, busca uma sociologia engajada e critica o academicismo. A universidade “passava à condição de agente de contágio do servilismo à ordem e da domesticação do saber” (BARIANI, 2003, p. 58). Da mesma forma, Florestan não menospreza mais a questão da transplantação das ideias, mas “redefine-o nos termos das condições histórico-sociais: o capitalismo dependente (em suas relações globais) e não a nação seria o referencial que ancoraria a análise da questão” (BARIANI, 2003, p. 60).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Resgatar a história de Guerreiro Ramos como ser em relação nos leva a seus interlocutores, aos debates e provocações argumentativas. A história de Guerreiro e de seu pensamento poderia ser abordada de diferentes formas, entretanto o debate com Florestan

Fernandes lança luz ao cerne de sua preocupação sobre o pensamento social brasileiro. Alberto Guerreiro Ramos buscou ser sujeito ativo em defesa do desenvolvimento e da autodeterminação da nação brasileira. Procurou nas bases do conhecimento, a partir da filosofia e sociologia, os meios necessários para inaugurar um método que filtrasse o que era produzido nos grandes centros do mundo. Desta forma seria possível romper as amarras coloniais e colocar o Brasil em marcha para estar no controle do seu próprio desenvolvimento e de sua própria narrativa.

Diferentemente de Florestan Fernandes, Guerreiro defendia que o pensamento sociológico no Brasil não estaria recluso à institucionalidade da Sociologia no meio universitário, mas já existia antes disso: em obras de autores que se dedicaram a questões próprias do Brasil e buscaram meios de apreendê-las sem depender de um arsenal de conceitos estrangeiros (como Silvio Romero, Euclides da Cunha, Alberto Torres e Oliveira Viana). Entretanto, apenas mais tarde ele avaliou o conceito de modernização, que ele tinha por certo, a partir de uma postura crítica/perspectivista e não mais numa assimilação passiva da era desenvolvimentista.

Referências

SOARES, Eliane Veras. Florestan Fernandes: o militante solitário. São Paulo: Cortez, 1997. 144p, il.

OLIVEIRA, Marcos Marques de. Florestan Fernandes. Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Massangana, 2010. 163 p, il.

BARIANI, Edison. UMA INTELLIGENTSIA NACIONAL: grupo de Itatiaia, IBESP e os Cadernos de Nosso Tempo. **Caderno CRH**, v. 18, n. 44, 2006.

_____. A sociologia no Brasil: uma batalha, duas trajetórias (Florestan Fernandes e Guerreiro Ramos). Dissertação (Mestrado em Sociologia) UNESP. **FCL: Araraquara**, 2003.

COHN, Gabriel *et al.* Florestan Fernández, história e histórias (depoimento). *Novos Estudos*, nº 42, jul./1995

HOBBSAWM, Eric J.; SANTARRITA, Marcos; PAOLI, Maria Célia. **Era dos extremos**: o breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MARTINS, Tatiana Gomes. **Florestan Fernandes e Guerreiro Ramos: para além de um debate**. 2008. 230f. 2008. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado)–Programa de Doutorado em

Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

MAIO, Marcos Chor. GUERREIRO RAMOS INTERPELA A UNESCO: ciências sociais, militância e antirracismo. **Caderno CRH**, v. 28, n. 73, 2015.

RAMOS, Alberto Guerreiro. **A redução sociológica**: (introdução ao estudo da razão sociológica). 2. ed. corr. e aum. Rio de Janeiro : Tempo Brasileiro, 1965.

_____. A modernização em nova perspectiva: em busca do modelo da possibilidade. **Revista de Administração Pública**, v. 17, n. 1, p. 5-31, 1983.

SOUZA, Márcio Ferreira de. **Guerreiro Ramos e o desenvolvimento nacional**: a construção de um projeto para a nação. Argvmentvm, 2009.

TOLEDO, Caio N. Teoria e ideologia na perspectiva do ISEB. In: ANTUNES, R.; FERRANTE, V. B.; MORAES, R. (Orgs.). *Inteligência brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1986. p. 224-256